

O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA PERCEÇÃO DE PROFESSORAS DA CLASSE HOSPITALAR

Hiran Pinel

hiranpinel@ig.com

<http://lattes.cnpq.br/8940226139303378>

Jaqueline Bragio

bragio.jaqueline@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/6551456891243728>

Jolimar Cosmo

jolimarcosmo@hotmail.com

<http://lattes.cnpq.br/2307883284097621>

RESUMO

O objetivo do presente artigo foi descrever os processos de ensino-aprendizagens mediados por duas professoras que trabalham com alunos hospitalizados em uma classe hospitalar. A busca foi pela compreensão das experiências das professoras, desvelando os significados que dão sentido à sua existência. Trata-se de uma pesquisa de fundamentação fenomenológica. O cenário da pesquisa foi a Classe Hospitalar de um Hospital Público Estadual Infantil. Participaram da pesquisa duas professoras que atuam na classe hospitalar. A produção dos dados foi realizada entre os meses de setembro a novembro de 2018. A coleta dos dados aconteceu no local e horário de trabalho das professoras, a partir de duas questões disparadoras: “como é trabalhar em uma classe hospitalar?” e “Conte-nos sobre os processos de ensino-aprendizagem dentro da classe hospitalar”. Não houve limite de tempo pré-estabelecido e as participantes narraram sobre o seu vivido livremente. O desvelar dos fenômenos e tratamento dos dados resultou em três Guias de Sentidos: 1) (Re)inventando um cotidiano; 2) A Educação Especial e os processos inclusivos no Hospital e 3) A formação das professoras: desafios e possibilidades. O estudo mostrou a importância de conhecermos as histórias de vidas das docentes, enquanto pertencentes deste espaço escolar dentro de um hospital, pois a compreensão das ações, estratégias e experiências vividas nesse ofício, colaboram na continuidade e melhoria dos processos de ensino-aprendizagem aos alunos-pacientes hospitalizados.

Palavras-chave: classe hospitalar; ensino-aprendizagem; educação.

Introdução

O cuidado e modos de atenção fundamentados na relação humanizada acontece mediante a legitimação e reconhecimento do “outro”, numa perspectiva antropológica humanística, o qual este cuidado perpassa por várias dimensões, seja física, psíquica, social, emocional, educacional e espiritual, reconhecendo que o cuidado “representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilidade e de envolvimento afetivo com o outro” (BOFF, 1999, p. 33). Pensando nesse cuidado com o outro, trazemos destaque a condição dos alunos que se encontram hospitalizados, e que por este motivo, estão afastados temporários ou permanentemente da escola regular.

As implicações e prejuízos trazidos por uma hospitalização prolongada e a necessidade de desenvolver atividades que promovam a humanização do ambiente hospitalar, já foram descritas por autores em nível nacional como Chiattonne (1984); Guimarães (1988); Zannon (1991); Mello et al. (1999) e Ceccim e Fonseca (1999), e internacional Siegel (1983) e Méndez, Ortigosa e Pedroche (1996). Durante a hospitalização das crianças, Fonseca (2008) defende a importância de se realizar atividades educativas para reduzir a ansiedade, minimizar a dor, sofrimento, desconfiança e inseguranças, geradas por um tratamento hospitalar. Somado a isso, o benefício de trazer às crianças e adolescentes internados o pertencimento de sua vida cotidiana escolar, amenizando a condição de estar doente e a sensação de perda temporária da vida.

O atendimento aos alunos internados deve levar em consideração os aspectos fisiopatológicos, psicoemocionais e sociais que envolvem esse sujeito internado. Deverá “gerar uma justaposição de conhecimentos e ações que deverão se fazer presentes, por meio da equipe multidisciplinar” (RAMOS, 2016, p. 94), e o professor como membro desta equipe tem o papel de mediar a continuidade ao conhecimento/desenvolvimento dessas crianças, interagindo, ouvindo e falando sobre a escola, que é este mundo conhecido pelos alunos-pacientes, os quais muitos deles gostariam naquele momento de estar presentes, podendo diminuir o estresse de uma hospitalização. Nossa motivação para pesquisar a temática começou a partir das diversas inquietações sobre a existência e funcionalidade das Classes Hospitalares. Dessa forma, refletir sobre a experiência e vivência dos professores que atuam nesses espaços, garantindo o direito à escolarização, mediando os processos de ensino-aprendizagem das crianças e adolescentes internados, com humanização e inclusão.

Face ao apresentado o objetivo do presente artigo foi descrever os processos de ensino-aprendizagens mediados por duas professoras que trabalham com alunos hospitalizados em uma classe hospitalar.

Percurso Metodológico

Trata-se de um estudo qualitativo, de abordagem fenomenológica a qual se propõem em revelar o mundo como um fenômeno que se mostra,

Ao afirmar que o fenômeno é o que se mostra em um ato de intuição ou de percepção, a fenomenologia está dizendo que não se trata de um objeto objetivamente posto e dado no mundo exterior ao sujeito e que se pode ser observado, manipulado, experimentado, medido, contado por sujeito observador. Não se trata, portanto, de tomar sujeito e objeto como geneticamente separados no desenrolar do processo de conhecer. Mas está afirmando que o fenômeno é o que se mostra no ato de intuição efetuado por um sujeito individualmente contextualizado, que olha em direção ao que se mostra do modo atento e que percebe isso que se mostra nas modalidades pelas quais se dá a ver no próprio solo em que se destaca como figura de um fundo (BICUDO, 2011, p.30).

O cenário dessa pesquisa foi a Classe Hospitalar de um Hospital Estadual Infantil. A escolha em não revelar o nome do hospital e município onde está situado geograficamente, se justifica na razão de manter o sigilo e preservação da identidade dos sujeitos do estudo. As participantes dessa pesquisa foram duas professoras que atuam na classe hospitalar. A produção dos dados foi realizada entre os meses de setembro a novembro de 2018. Cada professora pôde narrar seu vivido de maneira livre e individual. A identificação das professoras foi preservada, usamos nomes de flores (Violeta e Girassol), escolhidos por elas, para representação nessa pesquisa.

A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa em seres humanos, sob o número 2.264.080. Após anuência das participantes e assinatura do respectivo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, foi realizada a coleta dos dados, no local e horário de trabalho das professoras.

Em conformidade com o método da pesquisa fenomenológica, foi lançada duas questões disparadoras, com a finalidade de atender ao objetivo proposto da pesquisa: “como é trabalhar em uma classe hospitalar?” e “Conte-nos sobre os processos de ensino-aprendizagem dentro da classe hospitalar”. Não houve limite de tempo pré-estabelecido e as participantes narraram sobre o seu vivido livremente. O registro dos dados foi realizado por meio de anotações em diário de campo, assim como a utilização de um gravador, com o uso restrito para a transcrição dos dados para a pesquisa. Para análise e discussão dos resultados, realizamos a revelação das essências do fenômeno, trazendo a beleza de cada discurso, agrupando em Guias de Sentidos dos termos desvelados.

Resultados e discussões

O desvelar dos fenômenos e tratamento dos dados resultou em três Guias de Sentidos: 1) (Re)inventando um cotidiano; 2) A Educação Especial e os processos inclusivos na Classe Hospitalar e 3) A formação das professoras: desafios e possibilidades.

(RE)INVENTANDO UM COTIDIANO

A (re)invenção do cotidiano pode ajudar a suportar a enfermidade, o distanciamento das rotinas e familiar. O cuidar do outro (e de si mesmo) frente às adversidades, na tentativa de suportar quase qualquer “como”. É difícil algumas vezes, nos depararmos com a experiência, especialmente quando vivemos num mundo o plano, do planejamento, da rotina, da execução e avaliação.

O que percebemos no cotidiano das professoras é a busca pelo acontecer, no viés da "experiência vivida" nessa motivação em tornar as coisas do mundo com um sentido para os alunos, levá-los a sentir o "experenciado". Mas, tornar as atividades atrativas aos alunos, as professoras necessitam, algumas vezes, de recursos materiais e tecnológicos, o que foi apontado como uma fragilidade no discurso das professoras da classe hospitalar. As professoras demandam o mínimo das técnicas, e um mundo da internet pode ajudar a incentivar os alunos, a conhecer mais pessoas, a usar o Facebook para se comunicar com o mundo lá fora, entrar em contato com os colegas das escolas do seu bairro:

“Nem sempre a escola tem computador e internet para atender nossa demanda, porque a escola tem mais de 12 professores e só um computador com internet, isso também é uma dificuldade que eu encontro. Trabalhar com alunos multiseriados, me obrigada a estudar e pesquisar atividade diversificada. Aqui na Classe hospitalar, temos um computador, mas não temos acesso à rede, então não podemos pesquisar ou propor atividades com os alunos usando esse recurso (...) nem propor que eles entrem na riqueza dos encontros que pode oferecer as redes sociais, por exemplo(...) não é apenas a técnica, mas a técnica nos ajudando a dar melhores aulas, só isso (...) muitos acreditam que a internet é um mundo do pecado, mas uma professora deve estar atenta ao uso da técnica com seus alunos” (Girassol).

A partir da relação vivida, surge a criação do espaço-experiência com os novos significados, utilizando o sentimento como movimentos dirigidos às pessoas, mantendo sempre um diálogo íntimo e intersubjetivo entre ambos (MOREIRA, 2010). A experiência de algo desconhecido deve ser cuidadosamente explorada, remetendo-se a uma experiência diretamente sentida (ROGERS, 1997). Ainda sobre esse tema, nos diz Violeta:

“Hoje temos a tecnologia como uma grande parceira, uma ferramenta que nos ajuda a pensar tarefas para esse atendimento, os alunos gostam muito, mas nem sempre temos o recurso no local de trabalho, aqui, por exemplo, temos um computador na sala, mas ele não funciona, temos uma televisão, mas não temos DVD ou outros dispositivos para usar em atividades, jogos. Outra coisa que é muito difícil, os recursos materiais, se precisamos

de algum material temos que correr atrás ou trazer de casa, muitas vezes (...) nossa vida profissional estaria melhor se tivéssemos mais recursos” (Violeta).

Os diferentes recursos tecnológicos, na visão das professoras podem ajudar a produzir aulas diferenciadas e atrativas aos alunos hospitalizados. A experiência das professoras revela uma vontade de manter os alunos de certa forma “conectados” ao mundo fora do hospital, tentando minimizar as dores e sofrimentos que muitos alunos hospitalizados passam. Diante das dificuldades, as professoras buscam o enfrentamento usando a criatividade, aproximando o possível ao necessário, na tentativa de (re)inventar seu cotidiano, alimentado por experiências humanizadoras - de sentido, através do lúdico e atividades artísticas:

“Eu gosto de trabalhar arte. Para mim, professor tem que ser artista, porque nem sempre você tem o material que gostaria de ter nas mãos, tem que usar o recurso que tem, e outra coisa, é para estimular o aluno, já que a concorrência da escola com a tecnologia é muito grande, um quadro é mais atraente que um tablet? Você há de convir, o computador, sem sombra de dúvida, é mais atraente que um quadro de pincel. Nesse sentido temos que usar esses recursos através da arte, esse trabalho ali, por exemplo, é um projeto que fizemos sobre os animais, a partir daí, iremos trabalhar com música, arte, curiosidade, as questões de gênero – o masculino e feminino, aí a gente envolve um monte de coisas nessa temática. Nós, professoras, somos criativas, estamos sempre pensando em inovar nossas práticas pedagógicas para melhor atender seu aluno mostrando o seu potencial e potencializando o seu aluno, mesmo aqui estando em um ambiente hospitalar” (Girassol).

A proposta de voltar às atividades para o lúdico, como forma de encantar e despertar a atenção do aluno possibilita o estudar brincando, é uma estratégia das professoras.

Tem muitos alunos que gostam, vem para a classe e participam. Você sente a vibração da conquista deles. Tem algumas crianças que falam: – Não queria nem voltar para casa, sabe tia, para ficar aqui, para ter aula com você. Então de uma forma ou de outra a gente procura fazer nosso ofício de maneira prazerosa, com respeito, e ao mesmo tempo na tentativa de descontrair o aluno, ajudar a esquecer um pouquinho da dor deles” (Girassol).

A professora da classe hospitalar, desvela o enfrentamento dos desafios em busca de respostas, possíveis estratégias por meio de atos carregados de sentidos alegria, amor, compromisso e liberdade, na tentativa de (re)inventar o cotidiano dos alunos da classe hospitalar. As professoras vivenciam os momentos que lhes acontecem como sendo significativos, tendo sentidos experimentados e vividos, não apenas na percepção do sentido implicado pelo outro, mas um sentido vivido por elas mesmas, por suas escolhas e possibilidades, como um encontro de sentidos de sua própria existência.

As Professoras passam a serem vistas como facilitadoras do processo de ensino-aprendizagem dos alunos hospitalizados, a partir do momento que (re)criam e se (re)inventam diariamente em seu ofício. O aluno é quem sabe o que ele necessita, e ele deverá saber a direção que deve seguir, ao professor cabe-lhe direcionar com eficácia as possibilidades dos caminhos no processo de aprendizagem e desenvolvimento, deixando que o educando realize diante das suas potencialidades, como um processo de crescimento e auto realização pessoal (FONSECA, 2009).

Na classe hospitalar, a professora exerce seu papel de mediadora da aprendizagem, estimulando, apoiando e auxiliando seus alunos no “novo” cotidiano inventado por ambos, não apenas transmitindo o conhecimento e aprendendo a fazer junto, respeitando cada condição, apoiando em todas as situações o crescimento e a transformação dos seus educandos hospitalizados. Aos alunos hospitalizados temos a busca ativa (ou construção) do o seu próprio conhecimento.

Na percepção das professoras da classe hospitalar, o novo cotidiano (re)inventado, permite aos educandos aprender melhor, torna as aulas e conteúdos mais interessantes, criativos. Concordamos com Fonseca (2009) que reforça a importância de o professor proporcionar um meio afetivo e um clima mais humano, através da perspectiva relacional, com afeto, com confiança, sendo um facilitador do aprendizado (FONSECA, 2009).

A EDUCAÇÃO ESPECIAL E OS PROCESSOS INCLUSIVOS NA CLASSE HOSPITALAR

As discussões sobre a inclusão de práticas educativas com acesso universal provocam reflexões importantes sobre a acessibilidade e manutenção do aluno dentro do sistema regular de ensino, ao nosso ponto de ver ocasionando uma base mais sólida para o processo de inclusão escolar e uma educação igualitária a todos os indivíduos da sociedade. Incluímos nesse debate os alunos que se encontram na situação da internação, que é este momento existencial tão repleto de buscas pelas professoras da classe de processos de inclusão:

“Aqui dentro do Hospital os alunos são todos iguais, suas necessidades são atendidas conforme suas necessidades, por isso acredito sim, na Educação Inclusiva e Especial [...] Para mim, ser professora da CH, só vem agregar naquilo que acredito, eu acredito em inclusão, eu penso que se todo mundo fizesse um pouquinho deixaria de ser utopia e viraria realidade, não só para deficientes, a declaração de Salamanca é bem clara. Inclusão é para todos, a criança especial, a criança em risco social, a criança doente. Precisamos aprender a olhar e ouvir as necessidades de cada aluno na sua singularidade” (Girassol).

Um importante de ponto a ser desenvolvido na percepção das professoras é a habilidade de “escutar” (ou ouvir) o outro, e seu desejo de crescer. Ouvir verdadeiramente o outro resulta em uma satisfação interpessoal, e uma experiência humana não cristalizada. Assim, a experiência de ouvir aborda o exercício e o “gosto de ser ouvido”, outra ferramenta de importância para uma experiência vivida-sentida. Encontrar pessoas que sejam capazes de ouvir sem julgar, sem diagnosticar, sem avaliar, sem emitir preconceitos. Pessoas que ouvem são capazes de ir além, são pessoas que não tentam assumir posicionamento de responsabilidade pelo outro, não tenta moldar, e isso fortalece a relação e empodera o outro que está realmente sendo ouvido. A aprendizagem significativa é aquela que produz no aluno algum significado, além do acúmulo de um fato narrado por outro. É um processo de aprendizado marcado por modificação, seja pela vertente do comportamento ou na orientação de uma ação futura, ou nas atitudes e na personalidade do indivíduo. “É uma aprendizagem penetrante, que não se limita a um aumento de conhecimentos” (ROGERS, 1978, p. 138).

“A educação especial, por exemplo, nós temos alunos público-alvo da educação especial, essa semana mesmo estou atendendo um cadeirante, ele faz suas atividades aqui na salinha junto com os amigos, sem nenhuma dificuldade de acesso, está tudo adaptado para ele [...]. Aqui quase todas as crianças que atendemos precisam de alguma adaptação para sua limitação, temporária ou permanente” (Violeta).

A educação inclusiva na classe hospitalar assume um papel importante, pois proporciona à criança e ao adolescente internados o acesso ao espaço-tempo da escolarização, assim devemos conhecer e respeitar as limitações condicionadas pela doença e tratamento em curso, para proporcionar a continuidade dos estudos (CALEGARI-FALCO, 2007). Observamos no depoimento das professoras que esta busca e garantia dos direitos à educação para os alunos em ambientes hospitalares ainda está fragilizado no cotidiano existencial, mas com práticas inclusivas as professoras têm tentado se aproximar de uma inclusão verdadeira para todos os alunos-pacientes.

Como anunciando no depoimento das professoras, buscar a inclusão e o atendimento às necessidades especiais educativas dos alunos-pacientes da classe hospitalar, exige do educador empenho, dedicação e conhecimentos em diversas áreas. Na Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008) o professor para atuar na classe hospitalar deve ter na sua formação conhecimentos gerais para o exercício da docência e conhecimentos específicos da área, dessa forma, estaria mais preparado para atuar nesse tipo de atendimento especializado e interdisciplinar, como no caso das classes hospitalares. No entanto quando ouvimos o depoimento das professoras observamos que esse preparo inicial ainda não é suficiente para lhes oferecer a segurança no enfrentamento das diversidades no cotidiano

“Quando penso no hospital, e como entrei aqui dá um frio na barriga, pois na faculdade não aprendemos muito sobre essa modalidade, ainda mais na minha época, quando formei, acho que ainda hoje poucos colegas formandos saem das faculdades tendo uma

oportunidade de conhecer o trabalho do pedagogo e docente do espaço hospitalar” (violeta).

Observamos, pelos relatos das professoras que a construção de saberes para um professor atuar em uma classe hospitalar ainda é fragilizado. Na prática, a maioria dos processos seletivos para o trabalho dentro das CH acontecem sem a necessidade de requisitos, ou formações específicas para essa modalidade de ensino, como acompanhamos no relato:

“No início do ano de 2017 é que teve um processo seletivo por provas e títulos, minha colocação foi boa e escolhi vir para cá de novo, mas antes nunca foi exigido para esse cargo qualquer tipo de comprovação de experiência na área da atuação hospitalar” (Girassol).

Apesar dos processos seletivos exigirem a comprovação de cursos ou experiências na área da atuação no ambiente hospitalar, o que observamos na legislação atual é a recomendação de especialização na área e diversidade de conhecimentos gerais, para o atendimento multiseriado que acontece nesses contextos hospitalares. Considerando a diversidade de práticas educacionais existentes, trazemos uma reflexão sobre a necessidade de um movimento (ou ampliação dele) para discussão sobre a formação dos professores para atuar nas escolas dentro de hospitais. Precisamos pensar sobre o material, apoio pedagógico, capacitação e outras questões para a realização do trabalho do professor dentro de uma classe hospitalar. Apesar de todas as fragilidades, as professoras reinventam diariamente o seu cotidiano existencial, e estão conseguindo criar um projeto pedagógico, superando os limites e desafios, com criatividade e dedicação.

A FORMAÇÃO DAS PROFESSORAS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Muitos autores já abordaram a temática da formação inicial e continuada para os docentes que atuam nas classes hospitalares (SANTOS, 2011; MAZER, TINÓS, 2011; VASCONCELOS, 2015; PACCO, GONÇALVES, 2017) destacando a importância e necessidade de uma formação de professores para atuar nas classes hospitalares, proporcionando uma educação de qualidade habilitando o professor para mediar esse processo de ensino aprendizagem. Colaborando com a discussão, Matos e Muggiatti (2009) destacam o papel do educador na condução do processo de ensino-aprendizagem dentro dos espaços hospitalares reconhecendo as necessidades e fragilidades dos alunos nessa situação, desenvolvendo reflexões e habilidades necessárias à essa condição. Percebemos uma fragilidade dessa formação presente nos depoimentos das professoras entrevistadas,

“Sinto que precisamos de uma formação continuada voltada para nossa realidade, que é muito diferente e específica. Precisamos de conhecer o que nesse Brasil está dando certo, e o que já conseguiram fazer, e no dia a dia tão corrido, nunca temos esse tempo para estudar e ir em busca do conhecimento” (Violeta).

“A formação do profissional para atender esse aluno-paciente vai além da graduação, nós precisamos nos especializar na Área da Educação Especial, que por sinal é uma especialização muito ampla para atuar nos hospitais. Pensar em elaborar ações e atividades para atender as necessidades educacionais desses alunos internados é muito difícil” (Girassol).

Percebemos nos discursos um pedido das professoras para uma ajuda na questão da formação continuada. Concordamos com Giannelli (2004, p.113), quando nos aponta que “promover o desenvolvimento profissional docente é um desafio, um trabalho de reflexão e discussão que leva à construção de novos caminhos no exercício profissional dos educadores”. Para a autora, somente a formação acadêmica não é suficiente, o professor precisa de outros saberes, para além das teorias, exige um senso crítico e atenção à uma escuta qualificada, das questões que emerge na prática cotidiana.

O trabalho do professor da classe hospitalar é amparado legalmente em âmbito nacional, através do documento intitulado Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar: Estratégias e Orientações, elaborado pelo Ministério da Educação (MEC), o qual aponta algumas orientações sobre o perfil do educador neste espaço tais como,

O professor que irá atuar em classe hospitalar ou no atendimento pedagógico domiciliar deverá estar capacitado para trabalhar com a diversidade humana e diferentes vivências culturais, identificando as necessidades educacionais especiais dos educandos impedidos de frequentar a escola, definindo e implantando estratégias de flexibilização e adaptação curriculares. Deverá, ainda, propor os procedimentos didático-pedagógicos e as práticas alternativas necessárias ao processo ensino-aprendizagem dos alunos, bem como ter disponibilidade para o trabalho em equipe e o assessoramento às escolas quanto à inclusão dos educandos que estiverem afastados do sistema educacional, seja no seu retorno, seja para o seu ingresso (BRASIL, 2002, p. 22).

Dialogando com esse pensamento, Paula (2004) destaca que o trabalho dos professores dentro das classes hospitalares não precisa apenas de uma formação acadêmica, mas outras habilidades específicas como:

Sensibilidade para atuar com crianças, adolescentes e famílias fragilizadas, conhecimento da realidade hospitalar e das patologias, habilidade para lidar com diferentes grupos de alunos, pais e com as equipes multidisciplinares, capacidade de elaboração e estratégias didáticas para atender alunos provenientes de diversas regiões e com diferentes conteúdos escolares, abertura para o outro, independente de sua condição física, econômica e social, respeito às diferenças de etnia, raça e religião (p. 32).

Entendemos como urgente a ampliação da discussão e reflexão sobre a temática da formação dos professores durante os cursos de formação, por parte das Instituições de Ensino Superior, revisitando as grades curriculares, aumentando as possibilidades de atuação dos pedagos, para além dos muros das escolas regulares, ampliando para espaços educacionais como as classes hospitalares. Além de pensar nessa formação inicial, voltada para o desenvolvimento de um trabalho de ensino aprendizagem para os alunos-pacientes no seu desenvolvimento cognitivo, motor, emocional, social além de suas habilidades,

ajudando também no restabelecimento e recuperação da saúde dessas crianças e adolescentes.

“Aqui dentro do Hospital os alunos são todos iguais, suas necessidades são atendidas conforme suas necessidades, por isso acredito sim, na Educação Inclusiva e Especial [...] Para mim, ser professora da CH, só vem agregar naquilo que acredito, eu acredito em inclusão, eu penso que se todo mundo fizesse um pouquinho deixaria de ser utopia e viraria realidade, não só para deficientes, a declaração de Salamanca é bem clara. Inclusão é para todos, a criança especial, a criança em risco social, a criança doente” (Girassol).

“A educação especial, por exemplo, nós temos alunos público-alvo da educação especial, essa semana mesmo estou atendendo um cadeirante, ele faz suas atividades aqui na salinha junto com os amigos, sem nenhuma dificuldade de acesso, está tudo adaptado para ele [...]. Aqui quase todas as crianças que atendemos precisam de alguma adaptação para sua limitação, temporária ou permanente” (Violeta).

A educação inclusiva na classe hospitalar assume um papel importante, pois proporciona à criança e ao adolescente internados o acesso ao espaço-tempo da escolarização, assim devemos conhecer e respeitar as limitações condicionadas pela doença e tratamento em curso, para proporcionar a continuidade dos estudos (CALEGARI-FALCO, 2007). Observamos no depoimento das professoras que esta busca e garantia dos direitos à educação para os alunos em ambientes hospitalares ainda está fragilizado no cotidiano existencial, mas com práticas inclusivas as professoras têm tentado se aproximar de uma inclusão verdadeira para todos os alunos-pacientes. Como anunciando no depoimento das professoras, buscar a inclusão e o atendimento às necessidades especiais educativas dos alunos-pacientes da classe hospitalar, exige do educador empenho, dedicação e conhecimentos em diversas áreas.

Na Política Nacional de educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008) o professor para atuar na classe hospitalar deve ter na sua formação conhecimentos gerais para o exercício da docência e conhecimentos específicos da área, dessa forma, estaria mais preparado para atuar nesse tipo de atendimento especializado e interdisciplinar, como no caso das classes hospitalares. No entanto quando ouvimos o depoimento das professoras observamos que esse preparo inicial ainda não é suficiente para lhes oferecer a segurança no enfrentamento das diversidades no cotidiano

“Quando penso no hospital, e como entrei aqui dá um frio na barriga, pois na faculdade não aprendemos muito sobre essa modalidade, ainda mais na minha época, quando formei, acho que ainda hoje poucos colegas formandos saem das faculdades tendo uma oportunidade de conhecer o trabalho do pedagogo e docente do espaço hospitalar” (violeta).

Observamos, pelos relatos das professoras que a construção de saberes para um professor atuar em uma classe hospitalar ainda é fragilizado. Na prática, a maioria dos processos seletivos para o trabalho dentro das CH acontecem sem a necessidade de requisitos, ou formações específicas para essa modalidade de ensino, como acompanhamos no relato abaixo:

“No início do ano de 2017 é que teve um processo seletivo por provas e títulos, minha colocação foi boa e escolhi vir para cá de novo, mas antes nunca foi exigido para esse cargo qualquer tipo de comprovação de experiência na área da atuação hospitalar” (Girassol).

Apesar dos processos seletivos exigirem a comprovação de cursos ou experiências na área da atuação no ambiente hospitalar, o que observamos na legislação atual é a recomendação de especialização na área e diversidade de conhecimentos gerais, para o atendimento multiseriado que acontece nesses contextos hospitalares.

Considerando a diversidade de práticas educacionais existentes, trazemos uma reflexão sobre a necessidade de um movimento (ou ampliação dele) para discussão sobre a formação dos professores para atuar nas escolas dentro de hospitais. Precisamos pensar sobre o material, apoio pedagógico, capacitação e outras questões para a realização do trabalho do professor dentro de uma classe hospitalar. Apesar de todas as fragilidades, as professoras reinventam diariamente o seu cotidiano existencial, e estão conseguindo criar um projeto pedagógico, superando os limites e desafios, com criatividade e dedicação.

Considerações Finais

Conhecer o cotidiano existencial da classe hospitalar na perspectiva fenomenológica nos convida a pensar o sentido das experiências vividas e sentidas das professoras considerando todo o contexto da diversidade. A experiência das professoras dentro da classe hospitalar está essencialmente centrada nas relações com os alunos internados. Humanizar o cuidado e assistência prestada ao aluno-paciente pode ser uma prática potencializada pelas relações construídas e vividas no cotidiano existencial da classe hospitalar, sendo o professor o mediador desse processo de ensino-aprendizagem.

As professoras da Classe hospitalar, podem ser mediadoras do conhecimento, produzido com significados aos alunos hospitalizados, e suas experiências sentidas e vividas podem contribuir em novas relações construídas, por meio da empatia, afeto e confiança, e assim criação de novas experiências com significados para ambos nesse cotidiano existencial da classe de aula dentro do hospital.

O estudo mostrou a importância de conhecermos as histórias de vidas das docentes, enquanto pertencentes deste espaço escolar dentro de um hospital, pois a compreensão das ações, estratégias e experiências vividas nesse ofício, colaboram na continuidade e melhoria dos processos de ensino-aprendizagem aos alunos-pacientes hospitalizados. Dessa forma, nos possibilita fomentar reflexões sobre as práticas, vivências e desafios encontrados pelas professoras para a realização de um ofício centrado nas relações humanas existenciais, marcadas pela experiência de cada professora.

Compreendemos a relevância dessa temática para impulsionar novas discussões e relatos de experiências em outras classes hospitalares no cenário nacional, oportunizando troca de vivências entre os educadores que atuam nesses espaços de ensino-aprendizagem dentro das instituições hospitalares. Assim também como um convite ao aprofundamento teórico sobre a formação e os conhecimentos, e ações humanizadoras de sucesso e seus

desafios a serem superados motivando a novas implantações de classes ao longo do território brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BICUDO, M. A. V. A pesquisa qualitativa olhada para além dos seus procedimentos. In: BICUDO, M. A. V. (Org.). **Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica**. São Paulo: Editora Cortez, 2011. p. 11-28.

BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra**. 5 Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BRANCO, P. C. C.; CIRINO, S. D. Fenomenologia nas Obras de Rogers: apontamentos para o cenário brasileiro. **Revista de Psicologia**, v.8, n.2, p.44-52, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar: estratégias e orientações**. Brasília: MEC/SEESP, 2002. 35 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/livro9.pdf>. Acesso em 15 mar. 2019.

BRASIL. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: SEESP, 2008. [Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela portaria n. 555/2007, prorrogada pela portaria n. 948/2007, entregue ao ministro da Educação em 7 de janeiro de 2008].

CALEGARI-FALCO, A. M. Classe Hospitalar: a criança no centro do processo educativo. In: **VII Congresso Nacional de Educação – EDUCERE**, Paraná, p. 4282-4291, nov. 2007. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/PA-543-12.pdf>. Acesso em 5 maio de 2019.

CHIATTONE, H. B. C. Relato de experiência de intervenção psicológica junto a crianças hospitalizadas. In: ANGERAMI-CALMON, V.A. (Org.), **Psicologia hospitalar: a atuação do psicólogo no contexto hospitalar**. São Paulo: Traço Editora; 1984. p. 15-57.

CECCIM, R. B.; FONSECA, E. S. Classe hospitalar: buscando padrões referenciais de atendimento pedagógico educacional à criança e ao adolescente hospitalizado. **Revista Integração**, v. 9, n. 21, p. 31-40, 1999.

FONSECA, E.S. **Atendimento escolar no ambiente hospitalar**. São Paulo: Memnon, 2008.

GIANNELLI, M. I. D.V. **Atendimento pedagógico domiciliar: uma escuta para tecer laços**. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

GUIMARÃES, S. S. A hospitalização na infância. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 4 (2), 102-112, 1988.

GOBBI, S. L. et. al. **Vocabulário e noções básicas da abordagem centrada** na pessoa. São Paulo: Ed. Vetor, 2005.

HOLANDA, A. F. **Diálogo e psicoterapia**: correlações entre Carl Rogers e Martin Buber. São Paulo: Lemos Editorial, 1998.

MATOS, E.L.M.; MUGIATTI, M.M.T.F. **Pedagogia hospitalar: a humanização integrando educação e saúde**. Petrópolis: Vozes, 2006. 184 p.

MAZER, S. M; TINÓS, L.M S. A educação especial na formação do pedagogo da classe hospitalar: uma questão a ser discutida. **Revista Educação Especial**. n 24, p. 377-390, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial> . Acesso em 10 maio 2019.

MELLO, C. O et al. Brincar no hospital: assunto para discutir e praticar. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 15, n. 1, p. 65-74; 1999.

MÉNDEZ, F. X.; ORTIGOSA, J. M.; PEDROCHE, S. Preparación a la hospitalización infantil (I): afrontamiento del estrés. **Psicologia Conductual**, v. 4, n. 2, p. 193-209; 1996.

MOREIRA, V. **De Carl Rogers a Merleau-Ponty**: a pessoa mundana em psicoterapia. São Paulo: Annablume, 2007.

MOREIRA, V. Revisitando as fases da abordagem centrada na pessoa. **Estudos de Psicologia**, v. 27, n. 4, p. 537-544, 2010. Disponível em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=3953357992011>. Acessado em 02 fev. 2019.

PACCO, A. F. R; GONÇALVES, A. G. Formação de professores de classe hospitalares: realidade brasileira. **Revista Aula**. Vol 23, p 135-36, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14201/aula201723135146>. Acesso em 10 janeiro de 2019.

PAULA, E.M.A.T. **Educação, diversidade e esperança: a práxis pedagógica no contexto da escola hospitalar**. 2004. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

RAMOS, M. A. M. **Classe hospitalar**: processos e práticas educativas pela humanização. 2016. 142f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação. Rio de Janeiro, 2016.

ROGERS, C.R. **Liberdade para aprender**. Belo Horizonte: Interlivros, 1978.

ROGERS, C.R. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SANTOS, D. F. Q. **Formação do professor para a pedagogia hospitalar na perspectiva da educação inclusiva na rede municipal de Goiânia**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Católica de Goiás, Goiânia, 2011.

SIEGEL, L. J. Hospitalization and medical care of children. In: C. E. WALKER, C. E.; M. C. ROBERTS, M.C (Orgs.). **Handbook of clinical child psychology**. New York: Wiley Series on Personality Processes; 1983.

VASCONCELOS, S. M. F. Histórias de formação de professores para a classe hospitalar. **Revista Educação Especial**. Santa Maria. V.28, n 51, p. 27-40, 2015. Disponível em: www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial. Acesso em 10 fev 2019.

ZANNON, C. M. L. da C. Desenvolvimento psicológico da criança: questões básicas relevantes à intervenção comportamental no ambiente hospitalar. **Teoria e Pesquisa**, v. 7, n. 2, p. 119-136, 1991.

SOBRE OS AUTORES:

Hiran Pinel

Professor permanente da UFES/PPGE interessado nas questões relacionadas à educação, inclusive a especial na relação com a saúde, como a pedagogia hospitalar e a classe hospitalar com foco de produção do conhecimento pelo método fenomenológico de pesquisa e teorias psicológicas e pedagógicas dessa esfera. Professor titular aposentado do DETEPE/ UFES/ CE. Pós-Doutorado em Educação pela UFES/CE/PPGMPE - Área: Práticas Educativas, Diversidade e Inclusão Escolar; Doutor em Psicologia pelo IP/USP - Área: Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano; Mestre em Educação pelo PPGE/UFES - Área: Desenvolvimento Humano e Processos Educacionais; Graduações: Bacharel e Licenciado Pleno em Psicologia; Formação de Psicólogos; Licenciaturas via formação pedagógica em Filosofia, em Matemática e em Biologia. Linha de pesquisa: Educação Especial e Processos Inclusivos. Coordenador do projeto de pesquisa: Aprendizagem e desenvolvimento humano sob a ótica fenomenológico-existencial: Educação Especial, Pedagogia Social e Hospitalar, Psicopedagogia

Jaqueline Bragio

Graduação em Enfermagem, pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES/2004). Mestrado (2014) e Doutorado (2019) em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE/UFES). Enfermeira da Secretaria de Estado da Saúde do Espírito Santo. Atuando principalmente nos temas: Escolarização de crianças e adolescentes hospitalizados, humanização em saúde, educação em saúde e brinquedotecas hospitalares. Outras especializações técnicas: Coordenadora do Curso de pós-graduação em Enfermagem em Terapia Intensiva Pediátrica e Neonatal; Especialista em Micropolítica/ Gestão em Saúde Pública; Pedagogia Hospitalar; Auditoria e Regulação em Saúde.

Jolimar Cosmo

Possui Licenciatura em Pedagogia - Séries Iniciais do Ensino Fundamental e Supervisão Escolar pela Universidade do Tocantins (2009) e Bacharelado em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (2012). Possui especialização em Séries Iniciais do Ensino Fundamental e Educação Infantil pela Faculdade Vale do Cricaré (2010) e em Educação Especial e Inclusiva, também pela Faculdade Vale do Cricaré (2011). É Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (2015). Atualmente é doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE/UFES), na linha de pesquisa Educação Especial e Processos Inclusivos. Participa do Grupo de Estudos e Pesquisas em Fenomenologia, Educação e Inclusão (GRUFEI/PPGE/UFES). Atuou no Laboratório de Educação Física Adaptada (LAEFA/CEFD/UFES), como voluntário, nos projetos de extensão: "Práticas pedagógicas em Educação Física Adaptada para pessoas com deficiência" (2011-2012) e "Brinquedoteca: aprender brincando" (2011-2013). Atuou como Técnico Pedagógico na Coordenação de Inclusão Educacional de Cariacica (2019-2020). Atualmente é efetivo como professor regente na Prefeitura Municipal de Cariacica e na Prefeitura Municipal de Vitória. Tem experiência na área de Educação, com ênfase nos anos iniciais do ensino fundamental e práticas pedagógicas inclusivas. Seus estudos concentram-se, principalmente nos seguintes temas: Docência, Alfabetização e Letramento, Educação Especial, Educação Inclusiva, Educação Física e Formação Inicial e Continuada de professores, na perspectiva inclusiva.